

## 2. A Operação Barbarossa e o fator petrolífero na Segunda Guerra Mundial

*Túlio Cezar de Oliveira Bunder*

*Flávio Lira*

### *Introdução*

Dentre os diversos fatores determinantes para a eclosão, a condução e o desfecho da Segunda Guerra Mundial, ou Grande Guerra Patriótica, os aspectos econômicos, embora não sejam os únicos, desempenharam um papel fundamental no mais brutal conflito da história. A maximização da economia de guerra, evidenciada na concepção de “guerra total”, exigiu um esforço coletivo não apenas nos campos de batalha, mas também nas fábricas, com a participação essencial de grande parte da sociedade, fosse em prol de sua sobrevivência, como no caso soviético e dos demais aliados, fosse em prol das ambições nefastas do Terceiro Reich.

Os recursos energéticos, especialmente o carvão e o petróleo, estiveram no centro dessa dinâmica de guerra econômica mundial, tanto na produção massiva de aço para equipamentos militares quanto na incorporação plena dos veículos de motor a combustão interna na condução de conflitos. O petróleo, como principal fonte de combustível, foi fundamental para o abastecimento das maiores operações militares da história, envolvendo milhões de soldados e centenas de milhares de veículos. Embora a posse ou a ausência desses recursos não tenha sido a motivação principal do conflito, seu impacto, direto e indireto, moldou os cálculos estratégicos, a capacidade de resistência e o ritmo destas operações (Jensen, 1968). No contexto da frente leste, argumentamos

que o petróleo teve papel fundamental nos rumos da guerra. Em linhas gerais, a literatura sobre a geopolítica da energia (Dannreuther, 2014; Klare, 2004, 2008) compreende que os recursos energéticos estão intimamente ligados às questões de alta política e da guerra devido a três âmbitos principais: o geográfico, o político-econômico e o perceptivo/securitário.

Primeiramente, os constrangimentos e as limitações geográficas impostos pela distribuição desigual de recursos pelo globo fizeram do petróleo o calcanhar de Aquiles do continente europeu, especialmente na Europa centro-ocidental, que carece de grandes reservas desse recurso. Em segundo lugar, no âmbito político-econômico, o petróleo era essencial para a máquina de guerra moderna, evidenciando uma relação direta entre produção, logística e a posse ou o acesso facilitado a esses recursos. Por fim, no aspecto perceptivo/securitário, as percepções de (in)segurança energética dos dirigentes políticos e militares influenciaram ações como a busca incessante por combustíveis (no caso alemão) ou sua proteção estratégica e realocação da indústria (para os soviéticos). Embora não fossem as principais motivações, as preocupações energéticas para a condução do conflito integraram o processo decisório de todos os beligerantes.

Para uma análise aprofundada do papel do petróleo na Segunda Guerra Mundial, abarcando seus aspectos econômicos e militares, optou-se pelo estudo de caso das questões petrolíferas da Operação Barbarossa e da Batalha do Cáucaso (1942). Esse conflito encapsula elementos críticos do cálculo geopolítico energético no embate entre a URSS e a Alemanha Nazista. Assim, o objetivo deste capítulo é compreender as influências gerais da geopolítica do petróleo no contexto da Grande Guerra Patriótica, demonstrar as raízes das vulnerabilidades energéticas nazistas e seus anseios pelos recursos soviéticos, bem como evidenciar os alicerces da estratégia soviética de defesa econômico-militar.

### *Das necessidades energéticas da Alemanha à megalomania hitlerista*

A memória viva da derrota na Primeira Grande Guerra e suas lições tático-militares estavam presentes nos cálculos políticos do alto escalão nazista.

Entre essas lições estava: a preponderância do petróleo *vis-à-vis* o carvão, como fonte de energia para suprimento do exército. Outras lições incluíam a proeminência do caminhão sobre o trem para fins de combate, a quebra do paradigma da guerra de trincheiras com a invenção dos blindados de lagarta e a consequente concepção da guerra de movimento.

Por certo, desde que consolidaram o poder, em 1933, Hitler e seu alto comissariado enfrentaram um desafio energético colossal. A posição geopolítica alemã estava debilitada em relação às principais potências globais: seu território e arredores imediatos não possuíam reservas significativas de petróleo, limitando sua capacidade de garantir o abastecimento autônomo mesmo em tempos de paz. Altamente dependente de fornecimentos externos para sustentar sua economia, a Alemanha enfrentava competidores como os Estados Unidos e o Reino Unido, que controlavam o mercado petrolífero global por meio das “Sete Irmãs” (grandes empresas petrolíferas), enquanto a União Soviética, segunda maior produtora mundial, se continha no mercado doméstico e entornos geográficos.

Inicialmente, a estratégia energética nazista, conforme o relatório final de inteligência do Gabinete Britânico de 1946 sobre o fator petrolífero nos cálculos estratégicos alemães<sup>1</sup> consistia em duas diretrizes principais: a máxima ampliação da produção local e a expansão das atividades externas do Terceiro Reich, consolidando fornecedores estáveis – sobretudo a Romênia – e almejando a participação direta de sua companhia petrolífera, *Konti Ol*,<sup>2</sup> idealizada para rivalizar com as Sete Irmãs.

Em termos domésticos, destaca-se o emprego de técnicas alternativas diversas para maximizar a produção de combustíveis, como a confecção de óleo sintético – principal iniciativa – (produzido por meio de um processo de injeção de hidrogênio no carvão mineral), além do uso de benzol, fraturamento, extração de areia e carvão betuminosos e procedimentos de reinjeção para aumento de produtividade (Gabinete GB, 1946). Apesar de o óleo sintético ser a grande promessa dos anos 1930, tinha desvantagens inerentes: era altamente

---

1 Relatório secreto dos Chefes de Gabinete Britânico de 8 de março de 1946, intitulado “O petróleo como fator no Esforço de Guerra Alemão, 1939-1945”.

2 Para uma compreensão ampla da campanha nacional idealizada para as ambições nazistas, ver Toprani, 2014.

custoso e pouco eficiente, pois utilizava grandes quantidades de carvão no processo de conversão (Jensen, 1968, p. 549). No entanto, foi fundamental para o esforço de guerra nazista; ainda que não tenha atingido as metas iniciais, a produção aumentou de forma consistente ao longo dos anos.

No âmbito externo, com o acirramento do conflito europeu em setembro de 1939, a diplomacia energética nazista passou por modificações e aprofundamentos, dadas as tentativas britânicas de bloquear o fornecimento externo (Gabinete GB, 1946). Em primeiro lugar, o estreitamento de laços com a Romênia foi o principal objetivo dos primeiros anos de guerra, com a crescente dependência dos campos de Ploiești, que, em 1940, já respondiam por 60% de todas as importações petrolíferas, um valor que aumentaria conforme a guerra se intensificava e as alternativas se estreitavam. De modo geral, a política petrolífera alemã para a Romênia consistia em três objetivos principais: aumentar a produção romena (com apoio técnico, fornecimento de equipamentos, suporte financeiro e pressões políticas), reduzir o consumo interno romeno e garantir que a maior parte da produção exportável fosse destinada à Alemanha (Gabinete GB, 1946).

No que tange às ambições petrolíferas de Adolf Hitler em relação à União Soviética, inicialmente as relações pragmáticas germano-soviéticas, simbolizadas no pacto de não agressão Molotov-Ribbentrop e em acordos comerciais, satisfaziam<sup>3</sup> as demandas da máquina de guerra nazista, suprindo as necessidades imediatas do Reich. Nesse contexto, embora representasse uma parcela menos significativa que a romena, o fornecimento soviético foi importante nos dois primeiros anos do conflito. De acordo com a obra coletiva do Ministério da Defesa da Federação Russa sobre a Grande Guerra Patriótica (MDRF, 2013), o petróleo e os derivados fornecidos pela União Soviética chegaram a representar um terço das importações nazistas em 1940.

Ademais, a sequência de vitórias implacáveis da Wehrmacht na frente oeste obscureceu as emergentes necessidades petrolíferas do regime nazista, devido ao aumento significativo das reservas apreendidas nos países conquistados, como Países Baixos, Bélgica, França e Polônia (Gabinete GB, 1946). No entanto,

---

3 Telegrama do Ministro das Relações Exteriores Ribbentrop para o Chefe do Conselho de Comissários do Povo Molotov (Alemanha, 1954).

após o sucesso arrebatador da *Blitzkrieg* entre 1939 e 1940, Hitler se viu em um impasse estratégico com o inevitável prolongamento da Batalha da Grã-Bretanha. Por um lado, sem perspectivas de uma conquista rápida do Reino Unido, os altos custos operacionais das incursões aéreas constantes começaram a evidenciar a insustentabilidade desse *boom* momentâneo nas reservas.

Por outro lado, apesar das dificuldades operacionais e materiais para a conquista das ilhas britânicas, os ingleses não demonstravam grande capacidade de reação, e a frente ocidental estava relativamente estável e sob controle estratégico da Wehrmacht. Isso abriu a possibilidade de Hitler embarcar em seu antigo sonho supremacista de conquistar o espaço vital alemão na Europa Oriental. Em suas palavras sobre a política territorial alemã: “quando hoje falamos, na Europa, de nosso solo, pensamos, em primeira linha, somente na Rússia e Estados adjacentes, a ela subordinados” (Hitler apud. Mello, 1999, p. 85). Nesse contexto, o ano de 1941 iniciou-se com preparativos para a abertura de uma nova frente na guerra, que impactaria diretamente os destinos do conflito e, inevitavelmente, as questões petrolíferas.

### *O petróleo nos preparativos da Operação Barbarossa*

Em 18 de dezembro de 1940, Hitler submeteu as ordens gerais para a preparação de todas as forças para invasão à União Soviética, daquela que se tornaria a maior e mais brutal ofensiva terrestre da história. O documento intitulado Diretivo n. 21 prescrevia os objetivos operacionais e as diretrizes gerais de conduta e compreendia que a União Soviética deveria ser “esmagada” em uma campanha rápida, antes mesmo da conclusão da batalha contra a Inglaterra. Ao longo de janeiro de 1941, enquanto as discussões e atualizações do plano ofensivo estavam permeando as discussões do alto comando nazista, a contraparte soviética continuava comprometida com o estado de coisas do ano anterior.

Em uma conferência em Berghof, no início de fevereiro de 1941, Hitler evidenciava suas preocupações imediatas em relação ao início da grande ofensiva, tendo em vista especificamente garantir acesso às reservas de petróleo da Romênia (Deletant, 2007). Para o alemão, Josef Stálin poderia utilizar a

Crimeia como cabeça de ponte e ordenar operações com paraquedistas e ataques aéreos na região produtora de Ploiești e nos reservatórios de Constanța. Em diretiva do Alto Comando da Wehrmacht, divulgada em março de 1941, estabeleceram-se diretrizes mais concretas para as frentes sul da Barbarossa, enfatizando a necessidade de imobilizar os inimigos, inclusive minando os portos russos do Mar Negro. Ademais, em março, o líder nazista, preocupado com o abastecimento de seu país, se reuniu com o ministro das Relações Exteriores da Hungria para estreitar as relações econômicas entre os países, expressando ávido interesse na expansão da produção de petróleo húngaro e destacando o papel estratégico que Budapeste desempenharia para Berlim.<sup>4</sup>

As preocupações frente ao petróleo, sobretudo em relação à Romênia, no alto comando nazista seguiram nos meses precedentes à Operação Barbarossa. O *Reichsmarschall* Göring, responsável pelos assuntos da economia de guerra alemã, em conversa com o general romeno Antonescu em março, solicitou, em tom de urgência, que as produções petrolíferas romenas aumentassem o máximo possível.<sup>5</sup> Hermann Göring, sem revelar os planos da Barbarossa, compartilhou com Antonescu sua preocupação em relação ao fornecimento de petróleo russo, o qual “nem sempre permaneceria como estava naquele momento”,<sup>6</sup> além da situação crítica em que o Reich poderia se encontrar em caso de um ataque inglês bem-sucedido às plantas de óleo sintético. Por fim, apontou que os riscos de um ataque soviético à infraestrutura energética romena pareciam ser mais prováveis que uma incursão inglesa naquele momento, dada a forte concentração de tropas e aeronaves soviéticas na região da Bessarábia.

Às vésperas da operação, em junho de 1941, Hitler discutiu com Antonescu<sup>7</sup> e Mussolini<sup>8</sup> as últimas tratativas da ofensiva, abordando elementos operacionais gerais, mas enfatizando mais uma vez a necessidade da proteção da infraestrutura petrolífera romena contra possíveis operações soviéticas de sabotagem,

---

4 Registro das conversas entre o *Führer* e o Ministro das Relações Exteriores da Hungria, Laszlo de Bardossy, no Quartel General em Munique, em 21 de março de 1941.

5 Registro das conversas entre Hermann Göring e o General Antonescu, 5 de março de 1941.

6 *Ibid.*

7 Registro da conversa entre Adolf Hitler e o General Antonescu em Munique, 11 de junho de 1941.

8 Telegrama de Adolf Hitler para Benito Mussolini, 22 de junho de 1941.

ataques aéreos e operações com paraquedistas, urgindo ambos os líderes: “é dever de nossos exércitos eliminar essa ameaça o mais rápido possível”<sup>9</sup>

Na avaliação da inteligência britânica (Gabinete GB, 1946), os resultados mais importantes dos movimentos diplomáticos e militares alemães da primeira metade de 1941, na perspectiva da geopolítica do petróleo, foram os estreitamentos das relações com Hungria e Romênia, possibilitando o domínio da bacia do Danúbio e garantindo novos prospectos petrolíferos. Na mesma linha, a obra do Ministério de Defesa da Rússia compreende que esses países foram basilares para o esforço de guerra alemão, sobretudo fornecendo recursos estratégicos e alimentares (MDRF, 2013, p. 44). Em 22 de junho de 1941, a colossal Operação Barbarossa era lançada, marcando o início do que seria a frente mais brutal e cruel de todo o conflito mundial, causando milhões de mortes, sobretudo de civis soviéticos. É certo que, em um conflito da magnitude da Segunda Guerra Mundial, nenhum teatro de operações pode ser considerado absolutamente central para o desfecho da guerra. Ainda assim, se algum pode chegar perto disso, é a campanha travada entre soviéticos e alemães na Frente Oriental.

Paralelamente ao início da invasão nazista, a diplomacia alemã intensificava esforços para garantir a participação japonesa na guerra contra a União Soviética. O Ministro das Relações Exteriores da Alemanha, Joachim von Ribbentrop, buscava convencer o embaixador japonês Hiroshi Oshima a influenciar as decisões estratégicas de Tóquio em favor de uma intervenção militar no Extremo Oriente. Para isso, Ribbentrop enviou diretrizes claras à embaixada alemã no Japão, estabelecendo que o governo japonês tomasse uma decisão com a maior brevidade possível. Entre os principais argumentos, Ribbentrop sustentava que a destruição rápida da União Soviética, atacada por duas frentes, garantiria o controle dos poços de petróleo soviéticos, suficientes para abastecer o Eixo e neutralizar os efeitos práticos do bloqueio britânico. Além disso, ele enfatizava que a conquista de um corredor comercial Leste-Oeste isolaria a Inglaterra e inviabilizaria a entrada dos Estados Unidos na guerra, dada a discrepância de forças sem o contrapeso soviético. Apesar dos esforços diplomáticos alemães, o Japão decidiu manter o tratado de não agressão com

---

9 *Ibid.*

a União Soviética e concentrar suas operações na frente sul, direcionando sua atenção às colônias europeias na Ásia.<sup>10</sup>

## *As ambições nazistas para o controle do petróleo do Cáucaso*

Enquanto os preparativos da Operação Barbarossa priorizavam a garantia do abastecimento energético imediato para sustentar as operações militares, o avanço para o Leste trazia à tona as aspirações mais amplas do regime nazista de explorar as riquezas naturais soviéticas. Embora as motivações políticas, como a rivalidade ideológica, e as considerações racistas do nazismo em relação à população soviética fossem centrais, os objetivos econômicos na frente leste também desempenharam papel crucial nas ambições nazistas de controle dos recursos dos territórios ocupados. Figuras importantes do alto comando nazista evidenciaram essa prioridade. O general Friedrich Paulus declarou no tribunal de Nuremberg que os objetivos geoeconômicos do *Reich* durante a invasão à URSS incluíam a captura da linha Volga-Arkhangelsk, que concentrava as principais fontes de recursos naturais, como o petróleo do Cáucaso, terras férteis e grandes centros industriais.<sup>11</sup> De maneira semelhante, Albert Speer afirmou em interrogatório às forças aliadas que as considerações petrolíferas foram um fator central para a invasão à Rússia Soviética.<sup>12</sup>

Oficialmente, as diretrizes para a exploração econômica dos territórios soviéticos ocupados foram estabelecidas em junho de 1941 pelo plano de Göring, que definiu como prioridades da campanha a obtenção de alimentos e petróleo. A extração do petróleo, especialmente no Cáucaso, foi destacada como prioridade absoluta, com as operações sendo lideradas e executadas pela Continental Öl-Aktiengesellschaft, principal empresa petrolífera alemã à época.<sup>13</sup> A ênfase excessiva na exploração petrolífera nas diretrizes da política

---

10 Telegrama do Ministro das Relações Exteriores para a Embaixada do Japão, 28 de junho de 1941. E outro telegrama de Ribbentrop para o embaixador, 28 de junho de 1941.

11 Testemunho para o Tribunal Internacional Militar, Nuremberg, 1946.

12 Interrogatório de Albert Speer sobre as políticas gerais de produção, pesquisa e desenvolvimento, 11 de junho de 1945, Fulton et al., 1945.

13 Diretivo de Göring sobre a exploração dos territórios da URSS ocupados, Berlin, junho de 1941.

econômica do *Reichsmarschall* para a Barbarossa, em partes, pode ser interpretada pelas necessidades emergenciais do regime para com sua segurança energética. Em relatório do Departamento de Defesa Nacional, formulado em maio de 1941, é possível observar o temor dos oficiais em relação à exaustão das reservas de combustíveis, sendo que as projeções indicavam que, a partir de setembro de 1941, o *Reich* enfrentaria um déficit mensal de 300 mil toneladas de petróleo, em que somente com a incorporação imediata dos campos de petróleo do Cáucaso, pelo menos Grozny e Maikop, a sangria energética seria estancada.<sup>14</sup>

Ademais, como aponta Kostornichenko (2021), logo nos primeiros dias após a invasão, como Hitler temia, a Força Aérea Soviética conduziu quatro ataques aéreos às instalações em Ploiești e Constanța, comprometendo ainda mais a situação energética alemã. Apesar das baixas dos ases soviéticos, as operações persistiram em alta intensidade até meados de outubro, quando o cerco nazista à Crimeia impossibilitou a continuação das operações aéreas.

A proteção dos escassos recursos da máquina de guerra alemã era tão fundamental que, em 21 de agosto de 1941, Hitler emitiu uma ordem para o comandante chefe do exército afirmando que o principal objetivo antes da chegada do inverno não era a captura de Moscou, mas enfoque na frente sul da Barbarossa, priorizando a conquista da Crimeia, no contexto da proteção dos suprimentos romenos, a captura de Donetsk e a negação de acesso ao petróleo do Cáucaso pelos russos:<sup>15</sup> “[a] captura da Península da Crimeia é de grande importância para garantir o fornecimento de petróleo da Romênia, portanto, é necessário usar todos os meios disponíveis”.<sup>16</sup>

Simultaneamente, a liderança soviética, ciente da importância estratégica do petróleo para a condução da guerra moderna e das ambições nazistas, começou a implementar sua estratégia geoeconômica para o conflito, baseada na reestruturação e realocação das suas bases produtivas sob ameaça nazista para a grande região do Volga-Urais. De acordo com o “Plano Econômico-Militar

---

14 Plano do Departamento de Defesa Nacional para assumir o controle das áreas petrolíferas do Cáucaso, 4 de maio de 1941.

15 Ordem de Adolf Hitler para o Comandante Chefe do Exército, 21 de agosto de 1941.

16 *Ibid.*

para o 4º trimestre de 1941 e para 1942”<sup>17</sup> emitido pela Gosplan, em relação ao petróleo, as regiões do Volga-Urais (ou “Segunda Baku”), da Sibéria Ocidental e da Ásia Central, aportadas por um grande fluxo de capital, deveriam ampliar as áreas de exploração em 340 mil metros e acelerar o desenvolvimento produtivo imediatamente.<sup>18</sup>

Não menos importante foi o plano de evacuação de Moscou para as áreas estratégicas, incluindo o Cáucaso, e a realocação de materiais e indústrias de todos os setores a Leste. No caso petrolífero, a realocação das empresas Maikopneft e Grozneft, nos fins de outubro, e de seus equipamentos e materiais para a “Segunda Baku”, desempenharia um papel fundamental para o desenvolvimento dessas regiões nos tempos de guerra, mantendo o fornecimento estável, além de negar acesso ao inimigo em uma eventual perda da área. Em um nível ilustrativo, entre outubro e novembro de 1941, foram evacuados cerca de 16 mil vagões, dos quais quase 11 mil possuíam equipamentos e materiais industriais (MDRF, 2013).

No final do outono de 1941, apesar do expressivo avanço obtido nos primeiros meses de campanha, havia sinais claros de que a guerra contra a União Soviética não seria tão breve quanto almejado pelo alto comando nazista. A Wehrmacht enfrentou inúmeros desafios, incluindo a logística complexa necessária para abastecer a massiva operação, composta por dezenas de milhares de veículos, durante a penetração do vasto território russo. As dificuldades foram agravadas pelas linhas de comunicação e transporte debilitadas pela tática soviética de terra arrasada e pelos constantes ataques de *partisans* nas áreas recém-ocupadas. Além disso, as tropas alemãs estavam imobilizadas pelo clima hostil do outono, período conhecido como *rasputitsa*, quando as estradas se tornam praticamente intransitáveis devido à combinação de lama e neve, resultando na interrupção temporária das operações. Nesse contexto, os custos operacionais escalavam progressivamente, enquanto o consumo dos estoques de petróleo aumentava de forma constante. A situação geral da

---

17 Prikaz № 31 Gosplana pri SNK SSSR «O rabote nad voenno-khoziaistvennym planom na IV kvartal 1941 g.». Sekretno. 11 de agosto de 1941.

18 Postanovlenie SNK SSSR i TsK VKP(b). O voenno-khoziaistvennom plane na IV kvartal 1941 g. i na 1942 g. Po raionam Povolzh'ia, Urala, Zapadnoi Sibiri, Kazakhstana i Srednei Azii. 16 de agosto de 1941.

economia de guerra alemã se agravava, intensificando a necessidade emergencial de conquistar novas fontes de petróleo. Em 22 de dezembro de 1941, a inteligência britânica foi informada de que a situação petrolífera do Terceiro Reich havia atingido um estágio crítico (Gabinete GB, 1946).

## *A Batalha do Cáucaso*

Nos primeiros meses de 1942, as enormes reservas de petróleo no Cáucaso, outrora vistas como desejáveis, passaram a ser percebidas por Berlim como essenciais para a sustentabilidade da máquina de guerra hitlerista. A inevitável extensão da ofensiva forçou Hitler a dobrar as apostas, a guerra no Leste ampliaria significativamente as necessidades petrolíferas do Reich e somente com o controle da região a vitória poderia ser alcançada. Para isso, uma nova ofensiva foi planejada para a primavera-verão de 1942: a Operação Blau.

A preocupação dos Aliados frente à possibilidade de uma nova investida nazista, mais bem-sucedida, transpareceu nos diálogos e telegramas entre embaixadas e líderes na primeira metade de 1942. As discussões sobre a possibilidade de uma nova grande ofensiva da Wehrmacht no Cáucaso pautaram essas tensas conversas. O enviado polonês Potworowski, por exemplo, considerava que os rumores de uma grande invasão alemã tinham fundamento sólido. Ele alertou sua contraparte soviética sobre as preparações nazistas e sobre a possibilidade de uma invasão em pinça, por dois *fronts*: por Rostov e ao sudoeste, atravessando a Turquia; esta última, porém, não se materializou.

Além disso, Potworowski mencionou os movimentos dentro do Reich, reportando informações sobre o aumento significativo no processo de conscrição de soldados e as negociações lideradas por Göring com os demais países do Eixo para o fornecimento de novos efetivos.<sup>19</sup> O embaixador russo na Turquia, por sua vez, avaliava que o comando alemão lançaria as operações por um único *front*, rumando ao sul, sem atravessar o território turco, na primavera, ao longo

---

19 Telegrama do enviado da União Soviética, A. M. Kollontai, para o Comissário do Povo para as Relações Exteriores da União Soviética, 5 de fevereiro de 1942.

da linha Kharkov-Crimeia:<sup>20</sup> “[o]s germânicos estão cientes de que a ofensiva da primavera e verão deste ano será um período-chave para eles.”<sup>21</sup>

Adiante, em maio, às vésperas da nova investida alemã, Winston Churchill manifestou sua preocupação com o futuro do conflito caso os planos nazistas na Transcaucásia se concretizassem: “[n]osso bem-estar, portanto, depende da resistência do exército soviético”.<sup>22</sup> Simultaneamente, a diplomacia de Moscou, preocupada com os desdobramentos dessa nova fase do conflito, trabalhava ativamente para convencer os aliados a abrir uma segunda frente na Europa, reduzindo, assim, o fardo soviético de suportar quase toda a força militar alemã naquele momento. Além disso, o ministro Molotov alertava o presidente norte-americano, Franklin D. Roosevelt, sobre os riscos de que a superioridade tecno-militar alemã forçasse o Exército Vermelho a recuar, deixando Moscou e os poços de petróleo de Baku nas mãos dos nazistas. A urgência para a criação de uma segunda frente baseava-se na previsão de que, em 1943, as condições do conflito poderiam estar ainda mais desfavoráveis para os Aliados caso Hitler controlasse o petróleo soviético.<sup>23</sup> Em resposta ao iminente ataque nazista, os Estados Unidos conduziram uma operação de bombardeios nas refinarias e poços romenos, lançando cerca de 45 toneladas de bombas e causando impactos significativos.<sup>24</sup>

Em 1º de junho de 1942, reunido em Poltava com os comandantes do Grupo Sul para os preparativos finais da operação, Hitler declarava que, se ele “não recebesse o petróleo de Maikop e Grozny, então, ele teria que acabar com esta guerra”. Esse objetivo petrolífero tornou-se o foco central da Operação Blau, iniciada em 28 de junho, enquanto o controle do rio Volga e a conquista de Stalingrado, naquele momento, eram vistos como elementos secundários da missão. Apesar da resistência tenaz soviética e dos esforços

---

20 Telegrama do S. A. Vinogradov, embaixador soviético na Turquia, para o Comissário do Povo para as Relações Exteriores da URSS, 12 março 1942.

21 *Ibid.*

22 Minutas do encontro entre as delegações britânicas e soviéticas com a participação do Primeiro-Ministro da Grã-Bretanha, W. Churchill, Londres, 22 de maio de 1942.

23 Registro das conversas entre o Ministro das Relações Exteriores da URSS, V. Molotov, e o presidente dos Estados Unidos, F. Roosevelt, Washington, 30 de maio de 1942.

24 Telegrama do S. A. Vinogradov, embaixador soviético na Turquia, para o Comissário do Povo para as Relações Exteriores da URSS, 15 de junho de 1942.

aliados, a campanha hitlerista alcançou progressos notáveis em seus dois primeiros meses, consolidando posições no Donbass, em Rostov-no-Don e em áreas significativas do Cáucaso do Norte. Em 9 de agosto, os efetivos do Grupo A da Wehrmacht conquistaram Maikop, colocando um dos centros petrolíferos soviéticos sob controle nazista. Contudo, os alemães encontram Maikop arruinada; toda a infraestrutura remanescente fora destruída pelos soviéticos para inviabilizar a produção. Em 23 de agosto, as tropas do Grupo B estabeleceram-se na margem direita do Volga e nas proximidades de Stalingrado, interrompendo as linhas de abastecimento e comunicação fluviais norte-sul (Hayward, 1995; MDRF, 2013).

Com alta confiança no andamento da campanha, os chefes de comando operacional da Wehrmacht, durante negociações com suas contrapartes japonesas sobre os rumos do conflito mundial – incluindo a possibilidade de participação japonesa no enfrentamento contra a URSS –, afirmaram que o principal objetivo do ano já havia sido alcançado: a interrupção das linhas de suprimento de petróleo soviético. Ademais, estimavam que o petróleo de Maikop estaria à disposição da Alemanha em curto prazo e que outras áreas produtoras, como Batumi e Baku, seriam conquistadas em breve. Não satisfeitos, revelaram ainda que os próximos alvos operacionais incluiriam o Irã e o Iraque.<sup>25</sup>

Todavia, após as importantes vitórias iniciais, o ritmo da campanha diminuiu de intensidade entre setembro e novembro de 1942. Apesar da situação instável no front e de uma posição relativamente favorável perante o Exército Vermelho, a conquista de Grozny e Baku parecia cada vez mais distante à medida que as condições climáticas pioravam e as posições defensivas soviéticas se consolidavam. Não menos importante, durante esse período, as forças soviéticas intensificaram suas atividades atrás das linhas inimigas, conduzindo missões de sabotagem contra infraestruturas estratégicas a serviço do *Reich*, como estradas, poços de exploração, depósitos de combustível e pontes, enfraquecendo ainda mais a já frágil logística alemã. Adolf Hitler, aborrecido com essas atividades, emitiu uma ordem em 18 de outubro para a destruição

---

25 Negociações entre o Chefe de Gabinete do Alto Comando Operacional da Wehrmacht e os representantes japoneses no Quartel General de Hitler, Berlim, 5 de agosto de 1942.

total dos *partisans* e comandos russos na área, declarando que “em nenhuma circunstância será permitido que qualquer grupo – de sabotagem, subversivo ou terrorista – seja capturado como prisioneiro”.<sup>26</sup>

Ao final de 1942, as últimas tentativas factíveis de conquistar Grozny e Baku foram repelidas, e a Wehrmacht nunca mais teve condições reais de assegurar o petróleo caucasiano. Entre dezembro de 1942 e fevereiro de 1943, a formação militar soviética, a Frente Transcaucasiana, conduziu uma operação de contra-ataque bem-sucedida, expulsando a escória nazista do Cáucaso. Paralelamente, o Exército Vermelho derrotou o Sexto Exército alemão na batalha mais sangrenta de todo o conflito: Stalingrado (Hayward, 1995). As derrotas no Cáucaso e em Stalingrado, com custos humanos catastróficos e perdas materiais incalculáveis, marcaram o fim do mito da invencibilidade da Wehrmacht e evidenciaram as limitações materiais intrínsecas da máquina de guerra do *Reich* para sustentar operações prolongadas. A partir desse momento, a posição tático-estratégica alemã foi relegada à defensiva, limitada a tentativas vãs de reverter seus fracassos: “Hitler se trancou em seu escritório e não recebe ninguém. A única pessoa que pode entrar em seu escritório é o chefe da Gestapo, Himmler”,<sup>27</sup> relatou o Ministro das Relações Exteriores turco, Menemencioglu, em conversa com o embaixador russo em fevereiro de 1943.

Um relatório de inteligência soviético<sup>28</sup> formulado no início de 1943 avaliava que os níveis operacionais germânicos estavam amplamente comprometidos e que dificilmente operações de grande escala ocorreriam, dada a escassez de soldados e recursos estratégicos, como aviões, veículos e combustível. O relatório afirmava que a Wehrmacht permaneceria em posição defensiva nas linhas de Smolensk e Leningrado. Essas previsões estavam parcialmente corretas: no caso do Cáucaso, nenhuma grande operação ocorreu; todavia, a Batalha de Kursk, ainda que resultasse em triunfo para os soviéticos, foi de escala gigantesca.

---

26 Ordem de Hitler para a destruição dos grupos de sabotagem e comandos, 18 de outubro de 1942.

27 Registro das conversas entre S. A. Vinogradov, Embaixador da URSS na Turquia, e N. Menemenjioglu, Ministro das Relações Exteriores da Turquia, 13 de fevereiro de 1943.

28 Telegrama do embaixador I. M. Maisky para o Comissário do Povo para as Relações Exteriores da URSS.

O marco final das ambições hitleristas pelos recursos petrolíferos da URSS foi a retirada alemã de Kuban em setembro de 1943. Em ordem emitida por Hitler, o *Führer*, provavelmente enfurecido, determinou o abandono das posições na região e a destruição completa de todas as instalações petrolíferas, assim como do porto de Novorossiysk. Do ponto de vista energético, pode-se aventar que essa decisão sela o que seria o rumo negativo irreversível da Alemanha Nazista em suas ambições sobre recursos naturais no continente europeu. Com as dificuldades encontradas pela Campanha da África do Norte mais cedo no mesmo ano, Berlim dificilmente teria possibilidades de acesso a regiões produtoras de petróleo a partir de então.

### *Considerações finais*

O controle dos campos de petróleo foi um aspecto fundamental do cenário geoestratégico durante a Segunda Guerra Mundial e desempenhou um importante papel na vitória soviética na frente leste. O enfoque deliberado em garantir tais recursos foi emblemático das bases econômicas mais amplas que moldaram a trajetória do conflito. O êxito soviético na defesa e no aproveitamento desses ativos estratégicos não apenas garantiu a continuidade de sua máquina de guerra, mas também prejudicou de forma crítica as ambições da Alemanha Nazista, reduzindo efetivamente seu alcance operacional e contribuindo para sua eventual queda.

Desde o início do século XX, o petróleo tornou-se um elemento indispensável para ditar as relações entre as nações, devido à sua centralidade na alimentação do maquinário militar moderno. Durante a Segunda Guerra Mundial, isso se tornou ainda mais acentuado. O acesso ao petróleo significava a diferença entre sustentar uma campanha militar e sucumbir à paralisia logística. A capacidade da União Soviética de realocar e defender regiões cruciais de produção de petróleo, principalmente as do Cáucaso, ao mesmo tempo que desenvolvia centros de produção alternativos mais a leste, exemplificou uma previsão estratégica que se mostrou essencial para sua resiliência e eventual sucesso.

A subestimação estratégica da Alemanha em relação à cooperação dos Aliados e à resistência soviética ressaltou uma falha, de certa forma, incontornável em seu cálculo de guerra. A suposição de uma vitória rápida na frente leste desconsiderou as vastas reservas de determinação humana e a desenvoltura estratégica demonstrada pelo Estado soviético. Além disso, os erros de avaliação dos nazistas em relação à extensão e à determinação da colaboração dos Aliados deram a Moscou o espaço necessário para mobilizar seus vastos recursos e estabelecer uma defesa formidável. Cabe, como é de praxe, ressaltar a determinação das tropas soviéticas em seguir com a batalha de forma constante, utilizando, em muitos casos, o conhecimento sobre o seu próprio clima e sobre o território como ativo para o enfrentamento em momentos de avanço alemão.

O fracasso da Operação Barbarossa e os reveses subsequentes durante a Batalha do Cáucaso enfatizaram as consequências de negligenciar os aspectos multidimensionais da guerra, em que as reservas de energia pesavam consideravelmente. Ainda que se possa sustentar que não foi apenas a conquista territorial que moldou os objetivos dos nazistas, mas sim a aquisição de recursos energéticos considerados vitais para sustentar suas ambições mais amplas, cumpre ressaltar que objetivos territoriais caminham comumente de mãos dadas com o asseguramento dos recursos ali presentes. Havia, somado a isso, metas múltiplas pretendidas por Berlim por meio de um eventual sucesso na Operação Barbarossa e na Batalha do Cáucaso, que as fazem tão complexas quanto valiosas para constantes análises: primeiramente, a mais elementar expansão territorial, o que costuma ter um valor quase que endógeno em tempos de guerra de agressão (a não ser que a conquista ou a administração do *locus* seja algo proibitivo); a diminuição – em uma mentalidade de soma zero – do espaço ocupado por seu maior inimigo (Moscou), ou seja, um ganho, no mínimo, inversamente proporcional à perda territorial alheia; a aplicação e a expansão de políticas exclusivistas, persecutórias e racistas (como antieslavismo e antisemitismo) nas regiões conquistadas como forma de ampliação de elementos centrais da ideologia norteadora do *ethos* agressor; e o ato de colocar em dúvida, perante a Europa e o mundo (houvessem sido exitosas as pretensões alemãs), um modelo socioeconômico radicalmente divergente do nazista.

Do ponto de vista energético-cêntrico, os contínuos esforços soviéticos para proteger seus campos de petróleo e construir uma cadeia de suprimentos resiliente foram reflexo da sua compreensão do poder transformador da energia na guerra moderna, o que contribuiu não apenas para o sucesso militar aliado como também para garantir a própria vantagem estratégica da União Soviética no espaço eurasiático no longo prazo, particularmente durante a Guerra Fria. Hoje, como a dinâmica energética global continua a mudar devido aos avanços tecnológicos e à transição energética em andamento, as lições da Segunda Guerra Mundial continuam pertinentes. O papel fundamental da energia, principalmente do petróleo, nos conflitos armados exige uma compreensão diferenciada de suas implicações. As mudanças contemporâneas em direção à energia renovável e a maiores regulamentações sobre combustíveis fósseis podem alterar as estruturas tradicionais de poder, redefinindo os cenários de conflitos futuros, o que sugere que analisar a segurança energética em tal contexto em evolução é essencial para vislumbrar eventuais rumos da geopolítica do século XXI, seja na Eurásia, seja no restante do mundo.

A energia continua a servir como uma lente por meio da qual os conflitos podem ser analisados, oferecendo percepções críticas sobre as vulnerabilidades e os pontos fortes das potências conflitantes, e o petróleo, até o momento, tem sido um dos exemplos mais centrais dessas dinâmicas. Dessa maneira, qualquer discurso futuro sobre resolução de conflitos e segurança estratégica deve levar em conta não apenas as considerações geopolíticas tradicionais, mas também os padrões emergentes de produção e consumo de energia, seja vinculado aos hidrocarbonetos ou não. A compreensão de tal dinâmica pode proporcionar uma previsão valiosa das possíveis áreas de tensão e, idealmente, das oportunidades de cooperação.

A importância histórica do petróleo durante a Segunda Guerra Mundial e a gestão estratégica bem-sucedida dos recursos energéticos da União Soviética durante o período de expansão e de megalomania nazista sobre a Eurásia oferecem um exemplo profundo de como o controle sobre os recursos energéticos pode influenciar decisivamente os resultados de uma guerra e, por conseguinte, a geopolítica como um todo. Resgatar tais experiências históricas e entender quais motivações adquirem centralidade nas possibilidades de recrudescimento (ou mesmo apaziguamento) de um conflito serve

para que futuros cenários sejam analisados de forma a elencar prioridades nas estratégias das grandes potências. E o petróleo, desde o início do século XX, dificilmente deixou de ser crucial, no raciocínio bélico, como meio ou como fim de operações militares decisivas na (e às vezes definidoras da própria) política mundial.

## Referências

- Beevor, A. (1999). *Stalingrad: The fateful siege: 1942-1943*. Penguin.
- Dannreuther, R. (2014). *International security: The contemporary agenda*. John Wiley & Sons.
- Deletant, D. (2007). German-Romanian relations, 1941-1944. In J. Adelman (Ed.), *Hitler and his allies in World War Two*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203089552>
- Electromnaya Biblioteka Istoricheskikh Dokumentov (2025). Istoriko-dokumental'nyi prosveshchitel'skii portal sozdán pri podderzhke fonda "Istoriia Otechestva". <https://docs.historyrussia.org/>
- Fulton, Brig. Gen., McKenzie, Lt. Col., & Blunden, Maj. (1945). *Interrogation of Albert Speer and members of the former Reich Ministry of Armaments and War Production*. Publications, Agencies and Staff of the U.S. Department of Commerce, 213. <https://digitalcommons.unl.edu/usdeptcommercepub/213>
- Gabinete GB Reino Unido. (1946, 8 mar.). *Oil as a factor in the German war effort, 1933-1945*. Relatório secreto elaborado pelo British Chiefs of Staff Committee, Technical Sub-Committee on Axis Oil. Offices of the Cabinet and Minister of Defense.
- Gekht, E. V. (2007). *Neft' v politike Germanii* [Tese de Doutorado]. (1933-1943 gg.).
- Gilbert, M. (2014). *The Second World War: A complete history*. Rosetta Books.

- Hayward, J. (1995). Hitler's quest for oil: The impact of economic considerations on military strategy, 1941-42. *Journal of Strategic Studies*, 18(4), 621-646. <https://doi.org/10.1080/01402399508437621>
- Hayward, J. (2000). Too little, too late: An analysis of Hitler's failure in August 1942 to damage soviet oil production. *The Journal of Military History*, 64(3), 687-702. <https://doi.org/10.1353/jmh.2000.0194>
- Jensen, W. G. (1968). The importance of energy in the First and Second World Wars. *The Historical Journal*, 11(3), 538-554. doi:10.1017/S0018246X00001680
- Klare, M. T. (2004). *Blood and oil: The dangers and consequences of America's growing dependency on imported petroleum*. Metropolitan Books.
- Klare, M. T. (2008). *Rising powers, shrinking planet: The new geopolitics of energy*. Metropolitan Books.
- Kostornichenko, V. N. (2022). Neft' v planakh nastupleniia Germanskoi armii na Stalingrad i Kavkaz (1940-1943 gg.). *Vestnik VolGU*, 27(1), 56-63.
- Mello, L. I. A. (1999). *Quem tem medo da geopolítica?* Hucitec.
- Ministério de Defesa da Federação Russa – MDRE. (2013). *Velikaia Otechestvennaia voina 1941-1945 godov*, 12(7). Ekonomika i oruzhie voyny. Ministério de Defesa da Federação Russa.
- Rossiia. Ministerstvo inostrannykh del. (2010). *Dokumenty vneshnei politiki SSSR. 1942. Tom XXV: v 2-kh kn. Kn. 1. Yanvar' - iyun'*. Tula: ZAO «Grif i K».
- Rossiia. Ministerstvo inostrannykh del. (2010). *Dokumenty vneshnei politiki SSSR. 1942. Tom XXV: v 2-kh kn. Kn. 2. Iyul' - dekabr'*. Tula: ZAO «Grif i K».
- Rossiia. Ministerstvo inostrannykh del. (2016). *Dokumenty vneshnei politiki SSSR. 1943. Tom XXVI: v 2-kh kn. Kn. 2. Sentyabr' - dekabr'*. Maikop: OOO «Poligraf».
- Toprani, A. (2014). Germany's answer to standard oil: The continental oil company and nazi grand strategy, 1940-1942. *Journal of Strategic Studies*, 37(6-7), 949-973. <https://doi.org/10.1080/01402390.2014.933317>



**Figura 2.1** – Tropas alemãs cruzando a fronteira soviética durante a Operação Barbarossa, 22 de junho de 1941.

Fonte: Wikimedia Commons (domínio público).



**Figura 2.2** – Soldados soviéticos ao ataque, Stalingrado, fevereiro de 1943.

Fonte: Wikimedia Commons (domínio público).



**Figura 2.3** – Ruínas do moinho de Gerhardt, destruídas durante a Batalha de Stalingrado, onde ficava o posto de observação do comandante de Regimento de Fuzileiros da Guarda, I. P. Elin. O endereço está hoje localizado na Rua Marshal Chuikov, 47a, Distrito Central, Volgogrado, Rússia.

Fonte: Wikimedia Commons (domínio público).

